

Nº 11

**Notas sobre a
evolução da
estrutura do
comércio exterior
brasileiro e suas
perspectivas até o
final dos anos 80**

**Marcelo
S. Portugal**

Dezembro de 1987

Texto para Discussão Interna

nº 11

NOTAS SOBRE A EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA
DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO E SUAS
PERSPECTIVAS ATÉ O FINAL DOS ANOS 80

Marcelo S. Portugal

Dezembro de 1987

NOTAS SOBRE A EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA
DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO E SUAS
PERSPECTIVAS ATÉ O FINAL DOS ANOS 80 *

I - INTRODUÇÃO

O objetivo central deste trabalho é, a partir de uma análise da estrutura recente do comércio exterior brasileiro, desagregada por região de origem/destino, levantar algumas questões sobre o balanço comercial até o final dos anos oitenta.

A análise feita de forma desagregada por bloco econômico de origem/destino das importações e exportações, nos permite avaliar o impacto de diferentes medidas de política econômica dos nossos parceiros comerciais. Em especial no caso das exportações, podemos avaliar o impacto de políticas macroeconômicas recessivas e expansivas por parte de distintos blocos econômicos.

Para tanto, subdividiremos o texto em duas seções, além desta introdução. Na segunda seção é apresentada a evolução da estrutura do comércio exterior brasileiro desagregado por bloco econômico de origem/destino. É possível assim, não apenas identificar nossos parceiros comerciais relevantes, mas também analisar o balanço comercial bilateral do Brasil. A maior ênfase é dada ao período recente, pós-1980.

Na terceira seção são apresentadas as equações de regressão para as exportações e importações brasileiras segundo bloco econômico de origem/destino. Com estas equações são formulados três cenários distintos para a evolução do comércio exterior até 1990.

* Gostaria de agradecer aos comentários feitos por Mário C. de Carvalho Jr. e Lia Valls Pereira, sem, contudo, implica-los nos erros e omissões remanescentes. Gostaria ainda de agradecer a revisão técnica de Veronica Aguilera e a assistência de pesquisa de Luciana Medrado Paradellas.

TABELA 1

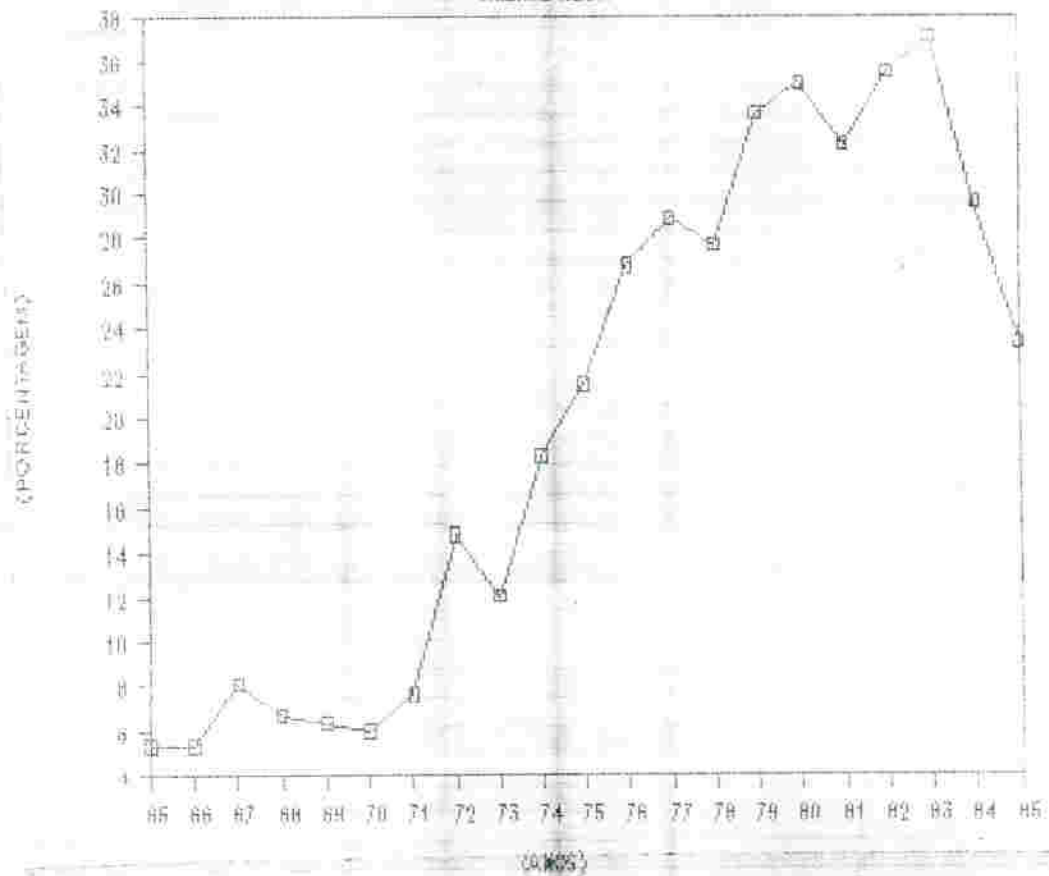
PARTICIPACAO NO TOTAL GERAL DE IMPORTACOES-%								
Anos	Or.Med.	Eur.Or.	Africa	Asia	Alad.	EUA-Canada	CEE	Japao
1965	5.32	7.09	0.37	0.60	26.64	32.96	23.45	3.59
1966	5.33	5.73	0.77	0.31	17.59	43.40	23.69	3.18
1967	8.09	5.70	1.44	0.35	15.40	40.36	25.50	3.00
1968	6.67	4.04	2.03	2.95	13.84	36.03	29.99	3.66
1969	6.34	3.71	3.02	0.41	14.10	34.86	32.56	4.96
1970	5.99	2.25	3.17	0.52	11.56	37.44	32.34	6.74
1971	7.62	3.61	3.52	0.52	8.89	33.74	34.42	7.68
1972	14.77	3.31	3.32	0.41	8.02	29.87	32.62	7.68
1973	12.01	1.98	2.78	0.80	9.34	32.94	31.83	6.39
1974	18.29	1.40	5.36	0.96	7.53	29.23	27.76	9.39
1975	21.51	1.04	3.30	0.56	6.17	28.73	27.88	10.81
1976	26.73	2.39	3.04	0.50	10.06	26.97	22.71	7.61
1977	26.89	2.15	3.52	0.64	11.04	23.50	21.07	7.56
1978	27.65	1.70	6.22	0.23	10.55	24.36	20.17	9.13
1979	33.01	1.54	1.90	1.73	12.66	21.63	20.39	6.35
1980	34.95	1.26	2.96	1.81	12.34	23.95	17.62	5.11
1981	32.21	1.30	7.45	2.26	15.02	20.30	15.28	8.16
1982	35.50	2.69	4.41	2.20	17.74	18.49	14.06	4.92
1983	37.10	3.65	2.51	4.52	14.92	20.02	15.35	3.92
1984	29.60	3.40	0.40	4.11	15.62	21.18	13.28	4.21
1985	23.34	2.19	12.68	4.33	13.00	24.22	15.70	4.46

TABELA 2

PARTICIPACAO NO TOTAL DE IMPORTACOES DE MANUFATURADOS-%								
Anos	Or.Med.	Eur.Or.	Africa	Asia	Alad.	EUA-Canada	CEE	Japao
1965	0.22	6.06	0.27	0.60	9.78	40.89	36.89	5.89
1966	0.80	4.39	0.59	0.80	19.82	46.81	32.78	4.68
1967	0.24	5.67	0.81	0.05	6.41	46.05	35.98	4.78
1968	0.76	4.79	0.55	3.70	5.73	40.59	30.47	5.22
1969	1.10	3.21	1.04	0.10	8.40	39.24	41.94	6.09
1970	0.96	2.90	0.79	0.17	2.72	46.22	41.03	9.13
1971	1.38	4.04	0.66	0.22	4.69	35.29	44.06	9.64
1972	10.62	3.98	0.71	0.35	3.70	32.14	39.14	9.96
1973	1.13	2.42	0.34	0.37	5.49	35.90	45.14	12.00
1974	1.71	1.66	0.71	0.69	6.62	34.39	40.31	10.91
1975	1.49	1.89	0.19	0.30	3.97	35.78	41.74	14.63
1976	1.59	2.67	0.47	0.18	9.17	35.39	37.40	10.13
1977	1.35	2.70	1.40	0.30	8.51	34.46	37.72	13.55
1978	0.74	2.06	1.40	0.31	7.44	33.46	36.89	17.89
1979	0.27	1.77	2.14	1.09	0.12	32.52	39.95	14.14
1980	1.22	1.47	2.20	0.30	7.77	35.45	39.86	11.66
1981	0.92	1.78	1.02	0.39	9.34	32.67	37.86	16.06
1982	3.52	1.80	1.00	0.81	8.30	32.90	37.70	14.00
1983	2.05	3.88	0.70	0.79	7.45	35.65	30.40	11.66
1984	0.87	1.92	1.15	0.50	8.01	35.38	39.02	13.12
1985	0.69	1.57	6.47	0.76	9.49	30.02	36.88	11.01

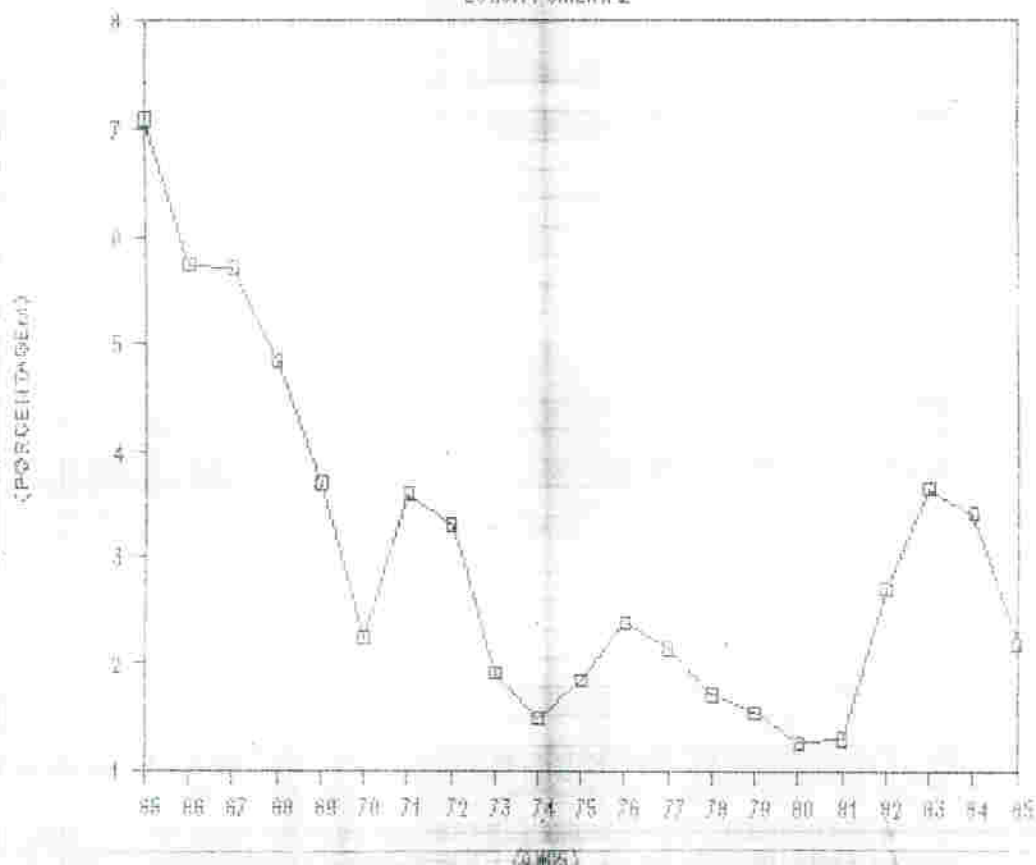
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

ORIENTE MEDIO



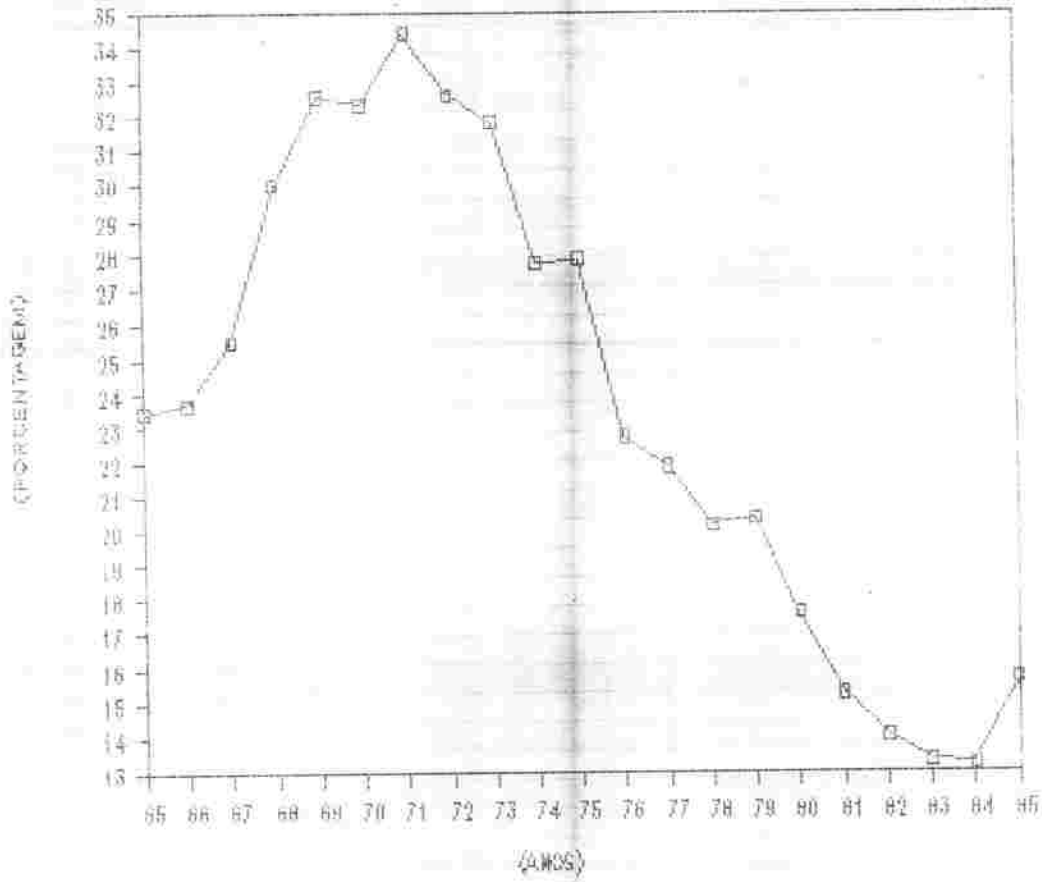
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

EUROPA-ORIENTAL



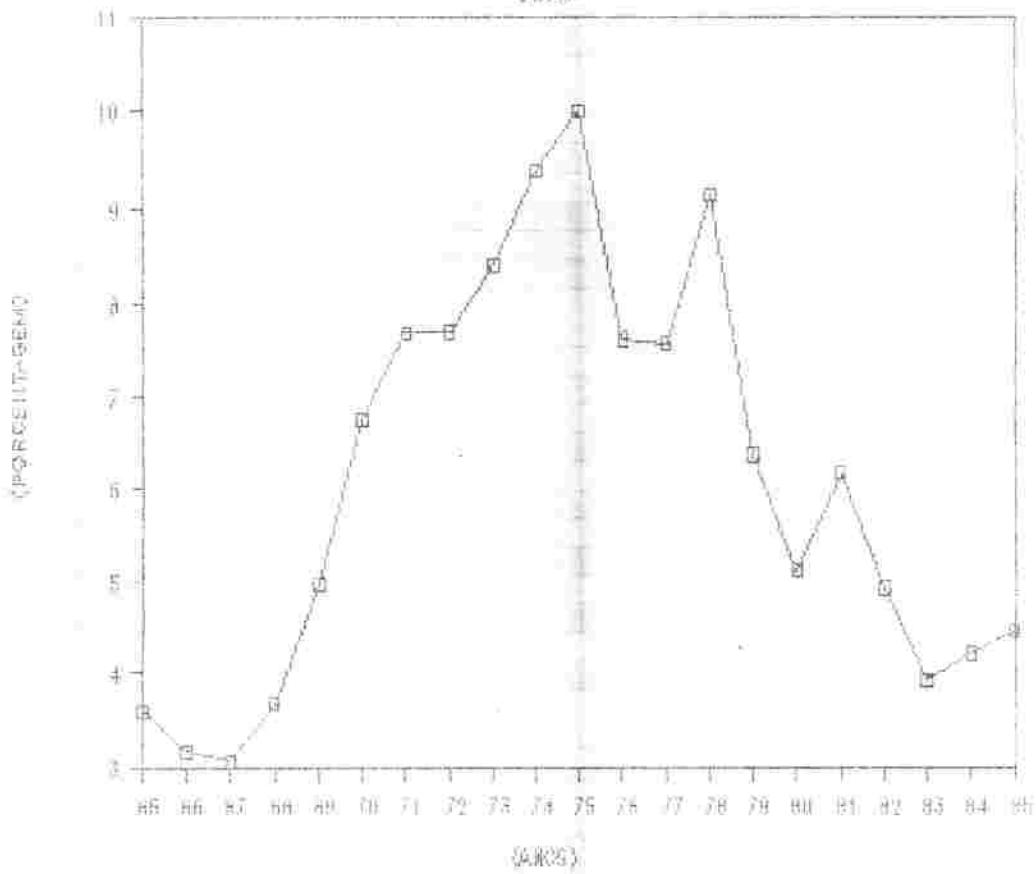
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

CEE



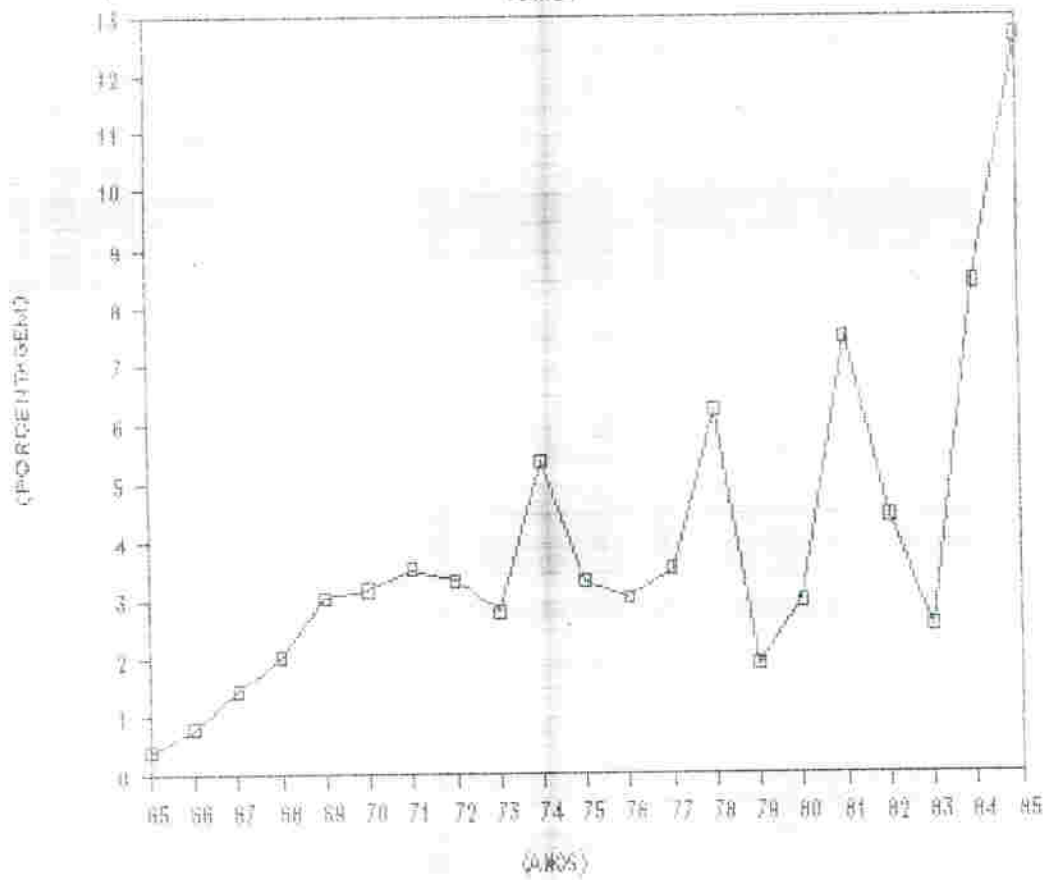
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

JAPAO



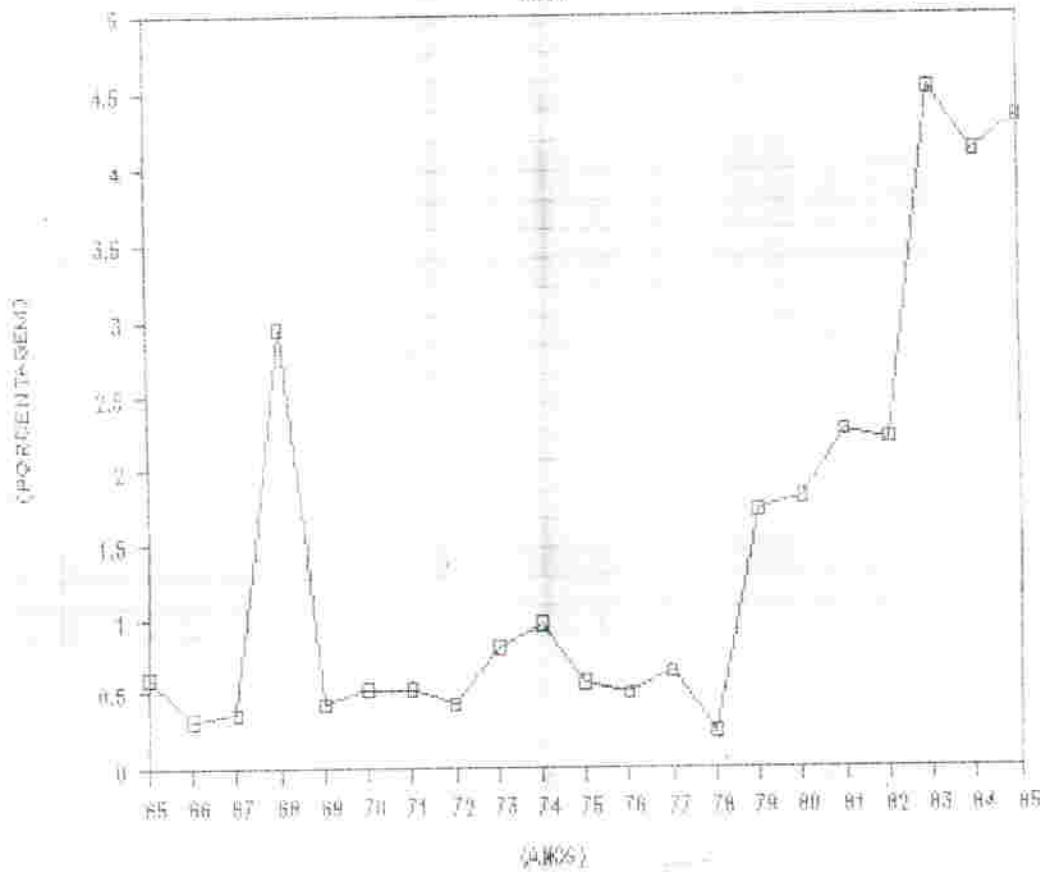
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

AFRICA



PARTICIPACAO NO TOTAL DAS IMPORTACOES

ASIA



Recentemente, contudo, dado o aumento da produção doméstica de petróleo e a substituição dos derivados de petróleo por outras fontes de energia, a participação do Oriente Médio nas importações vem caindo. Na década de oitenta, a participação do Oriente Médio no total das importações se reduziu de 35% para 23%.

Em contraste com essa elevada participação nas importações de básicos, o Oriente Médio é pouco importante no que diz respeito às importações de produtos manufaturados e semimanufaturados, como pode ser visto pelas Tabelas 2 e 3.

Assim como o Oriente Médio, também os EUA/Canadá, embora importantes supridores de importações ao Brasil, têm visto sua participação no total das importações se reduzir significativamente. Ao contrário, contudo, esta redução ocorreu principalmente ao longo dos anos setenta, mostrando uma tendência à recuperação após 1982. Os EUA/Canadá que chegaram a responder por quase 40% das importações brasileiras em fins dos anos sessenta, reduziram esta participação para apenas 18% em 1982.

Esta queda se deveu principalmente ao comportamento dos produtos básicos e semimanufaturados. Embora tenha perdido participação relativa também nas importações de produtos manufaturados, esta queda foi bem menor e circunscrita apenas até meados da década de setenta.

Apesar disto, os EUA/Canadá continuam a ser um supridor importante de produtos básicos e semimanufaturados ao Brasil. Note-se que, na presente década, eles têm sido responsáveis por cerca de 12% e 18%, respectivamente, das importações brasileiras destes produtos.

No entanto, a participação dos EUA/Canadá é marcadamente relevante no que diz respeito às importações de produtos manufaturados. Nos últimos anos, cerca de 35% das importações brasileiras destes produtos vieram dos EUA/Canadá.

Ainda mais intensa que a perda de participação dos EUA/Canadá nas importações brasileiras, foi a perda sofrida pelo bloco econômico representado pela CEE. Após um crescimento de sua

TABELA 3

PARTICIPACAO NO TOTAL DE IMPORTACOES DE SEMIMANUFATURADOS-X									
Anos	Or.Med.	Eur.Or.	Africa	Asia	Aladl	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	0.00	2.66	0.02	0.00	36.12	46.55	11.43	2.24	
1966	0.00	5.00	2.15	0.00	20.15	58.00	13.23	0.46	
1967	0.16	0.00	3.25	0.00	32.20	54.80	8.94	0.65	
1968	0.12	1.93	1.81	0.00	34.50	43.65	17.78	0.12	
1969	0.16	3.04	4.40	0.00	29.12	41.60	21.44	0.16	
1970	0.00	0.10	2.04	0.00	41.53	38.67	17.55	0.10	
1971	1.27	1.23	12.44	0.00	18.88	37.77	20.47	9.94	
1972	0.40	1.43	24.20	0.00	12.95	34.19	26.74	0.20	
1973	0.77	1.84	20.31	0.36	12.17	32.63	29.43	2.48	
1974	0.40	3.07	14.07	0.60	17.21	32.80	22.21	10.59	
1975	1.39	1.96	6.75	0.00	17.68	31.43	21.85	16.89	
1976	1.57	4.10	4.04	0.00	30.12	38.20	21.31	0.67	
1977	1.80	0.36	3.05	0.62	43.39	19.03	16.25	2.25	
1978	0.79	0.72	2.58	0.00	37.80	15.95	10.88	1.24	
1979	0.29	4.92	2.81	0.00	52.68	27.60	11.10	0.00	
1980	0.33	6.23	2.98	0.13	47.90	35.81	6.34	0.29	
1981	0.81	7.05	3.66	0.00	43.64	25.13	19.29	0.42	
1982	0.99	11.70	3.07	0.00	58.76	13.01	12.37	0.09	
1983	0.32	18.18	2.39	0.07	52.50	16.79	9.45	0.29	
1984	2.56	14.40	1.33	0.10	36.40	22.97	7.99	0.26	
1985	3.77	0.29	1.00	0.56	54.43	20.69	16.99	0.27	

TABELA 4

PARTICIPACAO NO TOTAL DE IMPORTACOES DE BASICOS-X									
Anos	Or.Med.	Eur.Or.	Africa	Asia	Aladl	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	14.31	9.32	0.59	1.62	52.82	18.14	3.23	0.03	
1966	17.74	8.66	1.39	0.91	32.10	33.61	5.29	0.29	
1967	24.55	6.51	2.43	0.98	31.13	27.30	7.06	0.04	
1968	23.97	5.46	3.99	1.41	31.52	22.72	9.44	0.09	
1969	21.74	5.22	0.48	1.34	34.15	21.72	7.27	0.00	
1970	23.10	0.23	11.03	1.71	35.13	21.86	6.77	0.12	
1971	31.52	0.83	12.59	1.74	20.08	26.98	3.39	0.07	
1972	37.53	0.99	8.34	0.63	25.19	16.77	6.33	0.07	
1973	44.61	0.53	4.60	2.07	19.32	25.04	4.63	0.11	
1974	55.87	0.99	12.87	1.57	7.31	10.10	3.73	0.06	
1975	62.90	1.73	6.31	1.12	6.43	14.87	2.33	0.07	
1976	65.12	1.66	6.72	1.00	9.99	13.90	1.38	0.03	
1977	69.80	1.61	6.44	1.17	10.07	9.12	1.67	0.04	
1978	59.35	1.37	11.80	0.16	9.86	14.91	2.55	0.00	
1979	66.30	1.00	1.60	2.46	13.13	11.43	4.04	0.05	
1980	65.23	0.62	3.57	3.12	12.37	13.62	0.92	0.04	
1981	56.73	0.64	11.80	3.56	10.04	12.17	0.79	0.25	
1982	55.61	2.69	6.42	3.22	20.74	10.57	0.72	0.04	
1983	50.34	3.36	3.43	6.55	17.15	12.12	0.62	0.14	
1984	45.79	3.41	15.50	6.17	17.42	13.95	0.75	0.02	
1985	48.10	2.74	21.87	7.04	12.73	14.45	1.03	0.04	

participação no total das importações brasileiras ao longo da segunda metade dos anos sessenta, quando chegou a ser responsável por 34% da pauta, a CEE vem, seguidamente, perdendo importância como supridor das importações brasileiras. Em 1985, a CEE já respondia por apenas 15,7% da pauta de importações.

Os principais responsáveis por esta queda têm sido os produtos básicos e semimanufaturados. Quanto às importações de produtos manufaturados, a CEE manteve sua participação, que é substancialmente relevante. Durante os primeiros anos da década de oitenta, a CEE respondeu por cerca de 37% das importações de produtos manufaturados, número este não muito inferior aos vigentes nos anos sessenta e setenta.

Contudo, apesar da perda de participação já mencionada, a CEE tem ainda uma posição de destaque como supridora de produtos semimanufaturados. Na presente década, a CEE respondeu por, aproximadamente, 12% das importações brasileiras deste tipo de produto.

Apenas no que diz respeito à importação de produtos básicos, a CEE pode ser deixada de lado como um bloco econômico não significativo, como mostram os números da Tabela 4.

Em contraste com os blocos econômicos citados acima, que sofreram alterações em sua participação na pauta de exportações brasileira nos últimos vinte anos, estão a ALADI, o Japão e o Europa Oriental. Suas participações na pauta das importações brasileiras permaneceram aproximadamente constante.

Entre os três, destaca-se a ALADI que tem sido responsável por, em média, 16% de nossas importações na década de oitenta. Mais ainda, a ALADI destaca-se principalmente como um supridor de produtos semimanufaturados, respondendo atualmente por mais de 50% do total das importações destes produtos. A ALADI tem ainda alguma importância no que tange às importações de produtos manufaturados e básicos, tendo respondido respectivamente por 9,5% e 12,7% das importações destes produtos em 1985.

Quanto ao Japão, seu caso é particular na medida

em que sua participação no total das importações brasileiras deve-se quase que exclusivamente, à importação de produtos manufaturados. Nos últimos anos, o Japão tem sido responsável por cerca de 13% destas importações.

Já a Europa Oriental tem apresentado uma participação muito baixa na pauta de importações brasileiras, em média 2,5%. Mais ainda, ao contrário do Japão, que também tem uma pequena participação no total das importações, a Europa Oriental não se destaca como importante supridor de importações ao Brasil em qualquer dos tipos de produtos analisados.

Por fim, restaram a Ásia e a África que embora apresentem uma pequena participação na pauta de importações, têm crescido em importância na década de oitenta. A Ásia, que era responsável por apenas 1,8% das importações brasileiras em 1980, vem aumentando continuamente sua participação na pauta, atingindo 4,3% em 1985. Este crescimento se deveu ao aumento das importações de produtos básicos.

Fenômeno idêntico vem ocorrendo em relação à África que, em 1985 chegou a responder por 21% das importações de básicos. Graças a isto a África passou a responder neste mesmo ano por 12,7% do total da pauta de importações.

II.2 - Exportações:

Em contraste ao que ocorre com as importações, a distribuição geográfica das exportações brasileiras é relativamente concentrada. Como é mostrado na Tabela 5, os dois principais mercados para as exportações brasileiras, os EUA/Canadá e a CEE, responderam em 1985 por 61% do total das exportações. O terceiro maior mercado das exportações brasileiras, a ALADI, vem bem atrás, respondendo por apenas 10% do total exportado.

No que concerne aos nossos dois primeiros mercados, os EUA/Canadá e a CEE, suas participações na pauta de exportações brasileiras têm evoluído de forma diferenciada ao longo dos anos oitenta.

TABELA 5

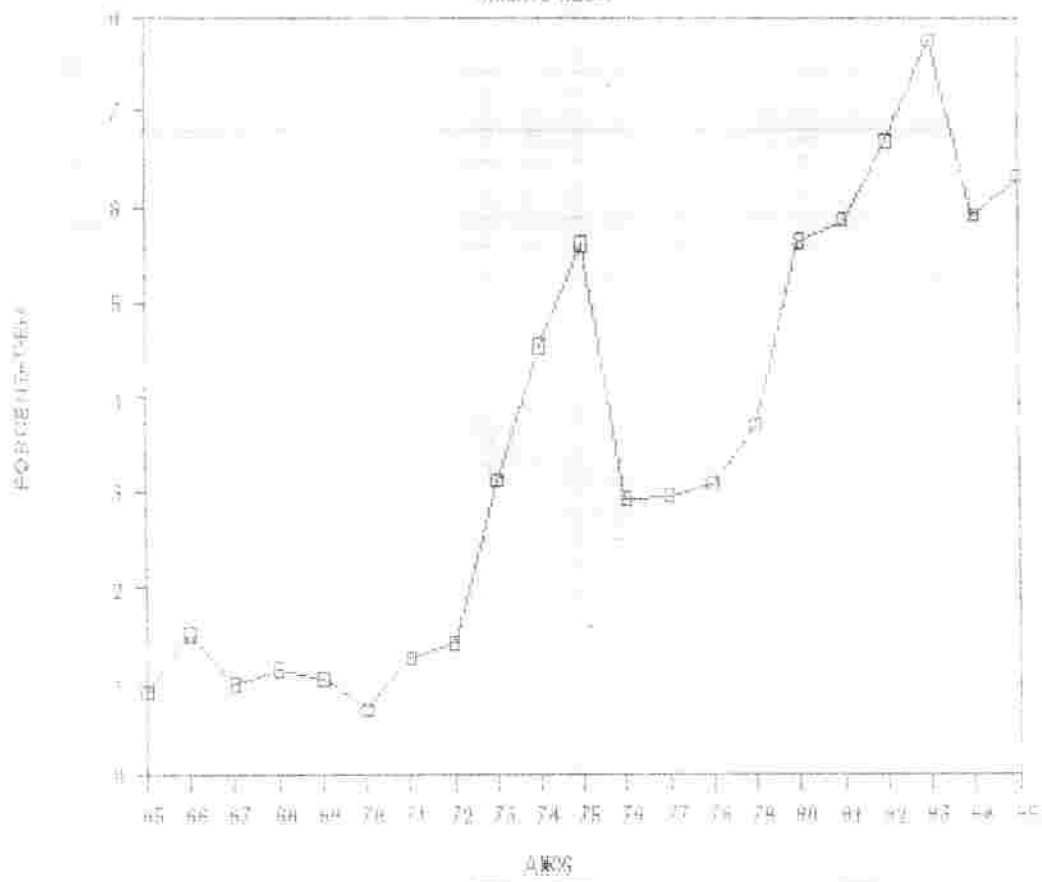
PARTICIPACAO NO TOTAL GERAL DE EXPORTACOES-%									
Anos	Or. Med.	Eur. Or.	Africa	Asia	Alad.	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	6.86	6.92	1.19	1.13	13.68	36.60	37.56	2.63	
1966	7.52	7.65	1.39	1.96	11.54	37.32	36.08	2.54	
1967	8.98	7.45	1.76	0.91	10.34	36.49	36.40	3.66	
1968	1.13	7.54	2.04	2.31	10.76	36.54	36.46	3.21	
1969	1.03	6.88	1.07	2.19	11.61	29.66	42.74	4.01	
1970	0.71	5.69	1.25	2.39	11.86	28.73	43.60	5.83	
1971	1.25	5.71	2.44	1.98	12.89	29.11	40.68	5.94	
1972	1.41	6.70	2.87	4.55	10.86	26.31	43.14	4.91	
1973	3.11	7.16	3.13	2.97	9.75	28.78	45.90	7.27	
1974	4.54	5.74	5.37	0.97	12.45	24.81	36.73	7.53	
1975	5.61	10.13	4.81	2.87	14.91	18.85	35.72	6.51	
1976	2.93	13.68	3.77	1.37	12.28	21.87	38.23	6.99	
1977	2.96	6.82	4.18	3.61	16.29	20.32	40.68	6.15	
1978	3.30	6.59	4.09	3.99	14.92	25.86	36.91	6.63	
1979	3.76	7.43	3.14	3.87	17.69	22.16	35.67	6.34	
1980	5.63	7.82	4.40	3.57	18.75	20.82	33.31	6.66	
1981	5.84	8.13	6.65	3.75	19.69	20.25	29.99	6.68	
1982	6.68	6.65	4.32	3.69	15.76	23.19	32.39	7.13	
1983	7.78	7.18	3.79	5.31	10.34	26.65	31.75	7.20	
1984	5.96	4.95	5.65	5.71	11.47	32.51	27.69	6.15	
1985	6.34	4.46	6.85	6.73	9.57	31.35	29.63	6.01	

TABELA 6

PARTICIPACAO NO TOTAL DE EXPORTACOES DE MANUFATURADOS-%									
Anos	Or. Med.	Eur. Or.	Africa	Asia	Alad.	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	0.60	0.55	0.47	0.64	35.89	14.55	36.24	11.85	
1966	0.37	0.67	0.45	1.04	44.06	35.40	17.55	0.15	
1967	0.21	1.76	0.36	2.17	37.71	41.59	15.42	0.78	
1968	0.32	2.31	2.04	6.97	33.38	34.00	17.00	2.58	
1969	0.37	0.71	0.82	1.42	39.56	28.29	25.71	3.19	
1970	0.38	1.04	0.45	0.85	20.17	52.42	20.54	2.16	
1971	0.55	1.59	2.17	0.99	18.88	38.45	25.83	1.50	
1972	1.43	1.77	1.51	1.12	19.22	30.69	29.85	2.20	
1973	0.76	1.72	2.58	1.25	24.24	34.01	30.81	4.63	
1974	1.72	1.86	3.96	1.40	28.82	33.69	24.88	4.72	
1975	4.37	2.70	6.53	1.27	34.67	25.08	21.33	3.35	
1976	3.86	2.65	5.87	1.45	27.30	30.79	24.76	2.57	
1977	2.46	3.03	6.45	1.46	27.64	31.61	24.67	2.72	
1978	2.95	1.29	9.76	1.63	27.88	32.96	21.31	2.24	
1979	4.40	1.18	5.84	1.77	33.56	26.36	23.69	2.70	
1980	5.74	2.07	7.08	1.58	36.51	21.73	21.15	3.33	
1981	4.42	2.95	11.56	2.52	33.29	23.06	19.72	2.58	
1982	6.53	1.49	7.30	3.87	26.96	29.48	22.76	2.65	
1983	10.62	2.38	5.34	5.08	16.85	36.57	28.06	3.27	
1984	5.95	1.59	6.61	5.16	13.80	42.67	17.42	3.18	
1985	7.29	1.63	9.52	7.07	14.57	40.46	16.54	2.91	

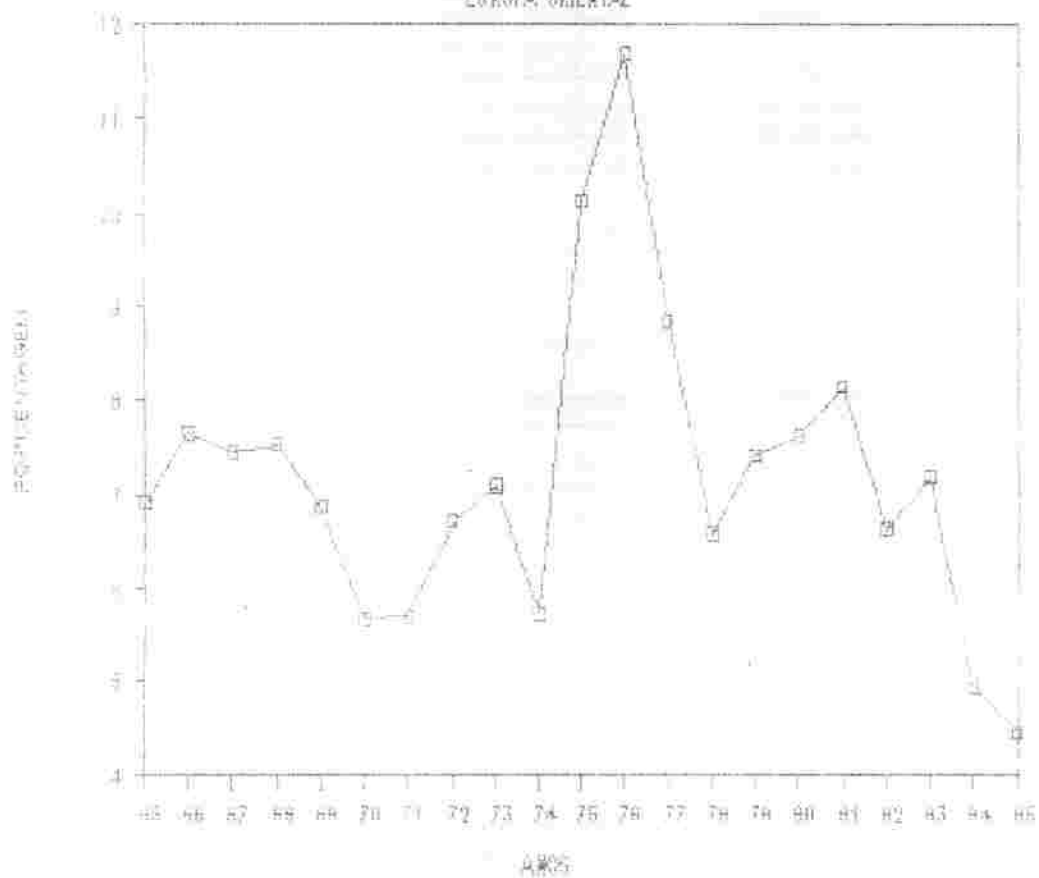
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

(ORIENTE MEDIO)



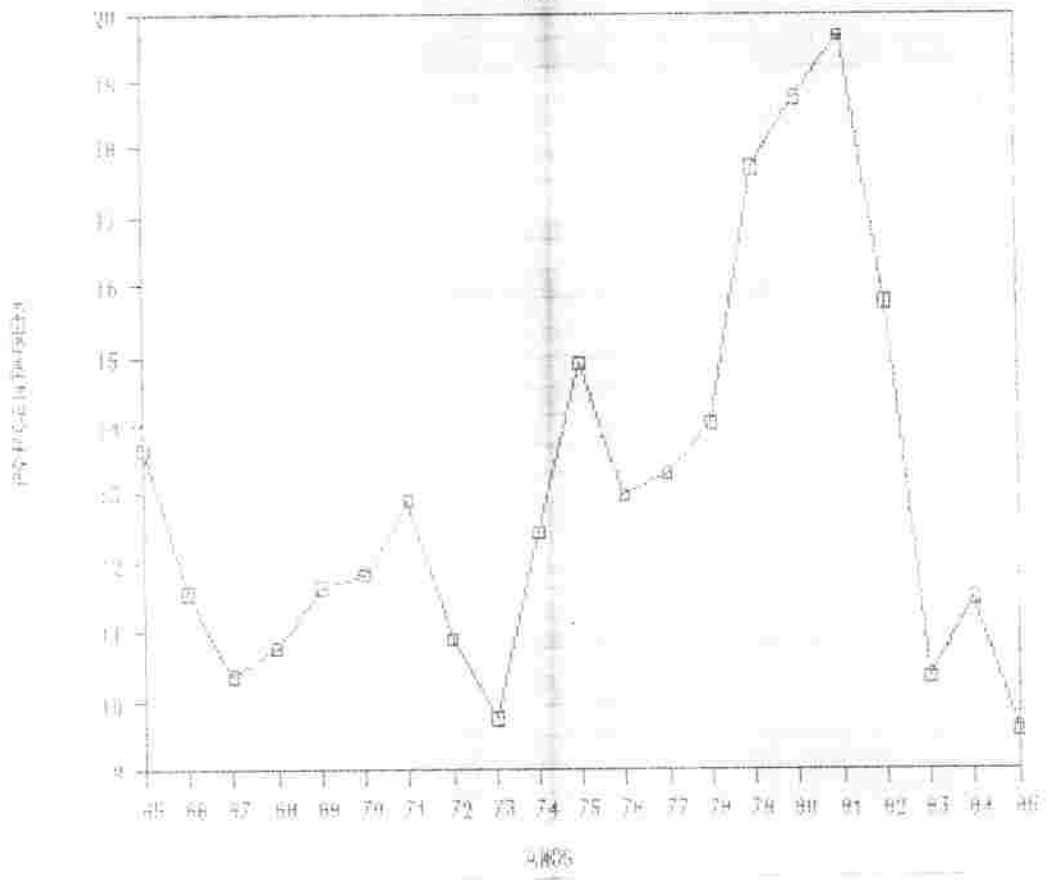
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

(EUROPA ORIENTAL)



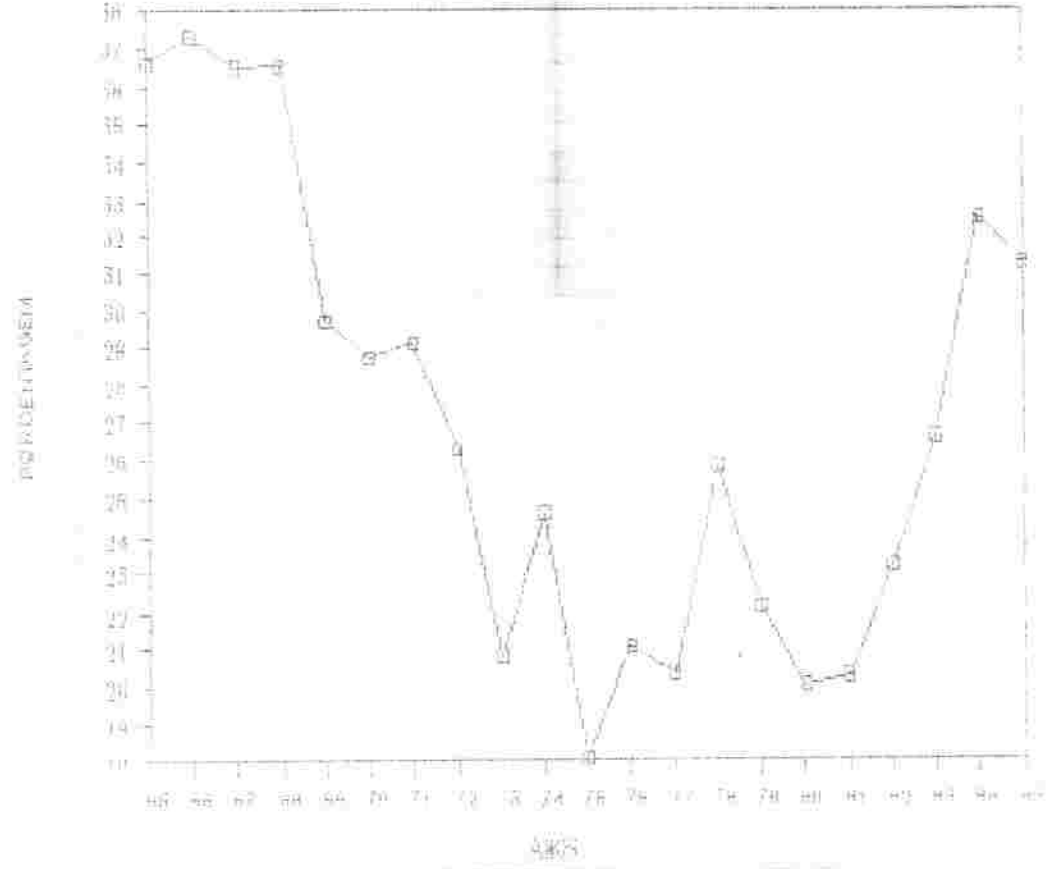
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

ALUMI

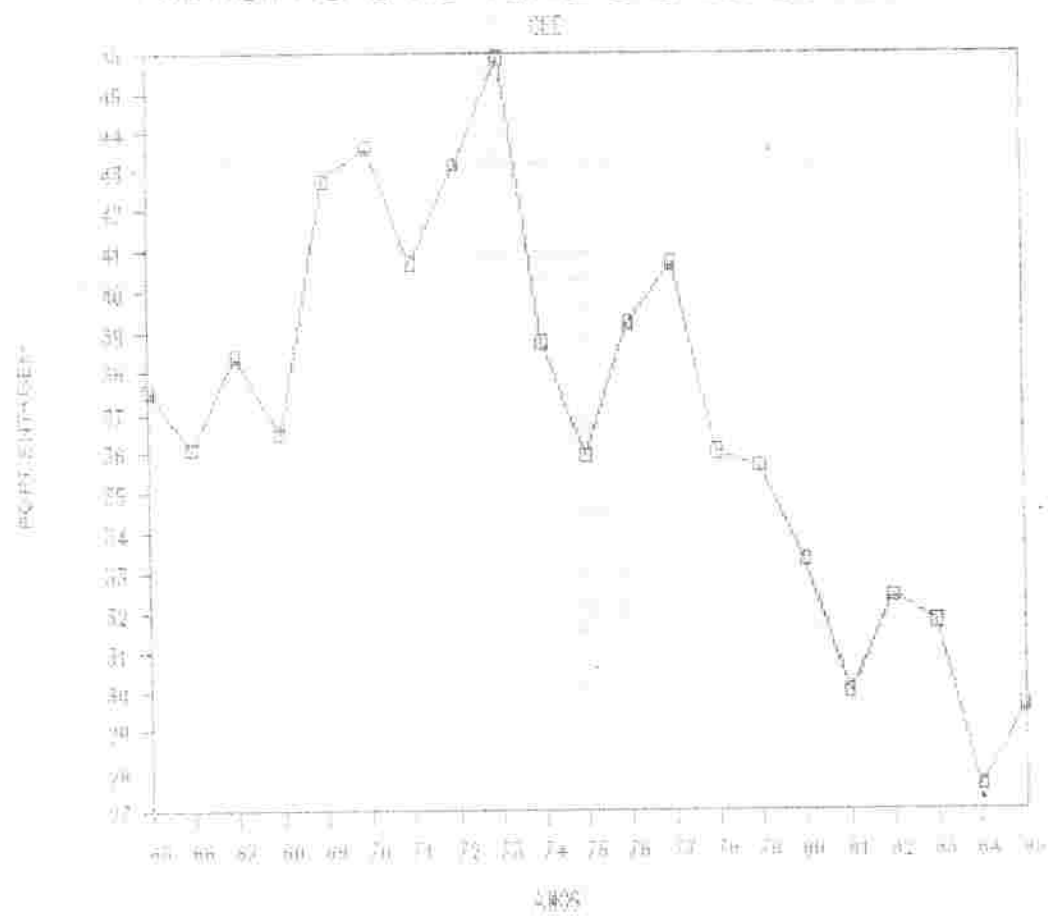


PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

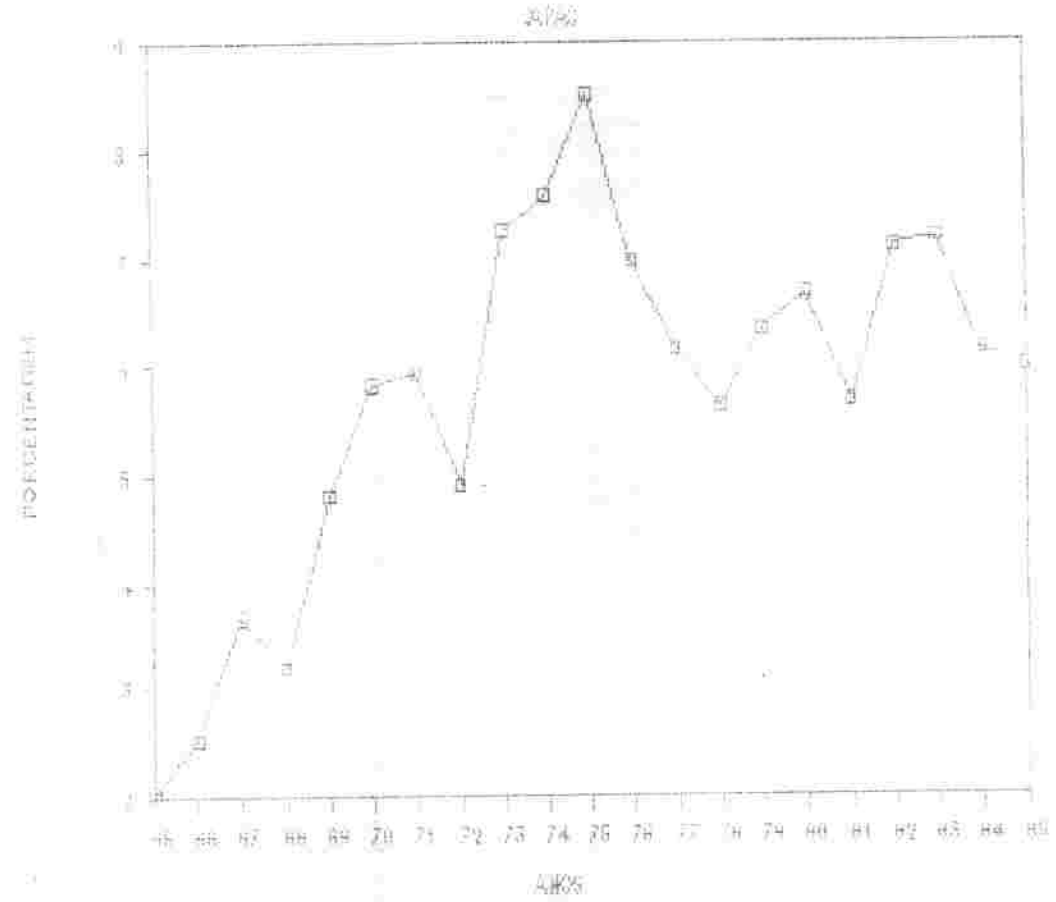
ESTADOS UNIDOS e CANADA



PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

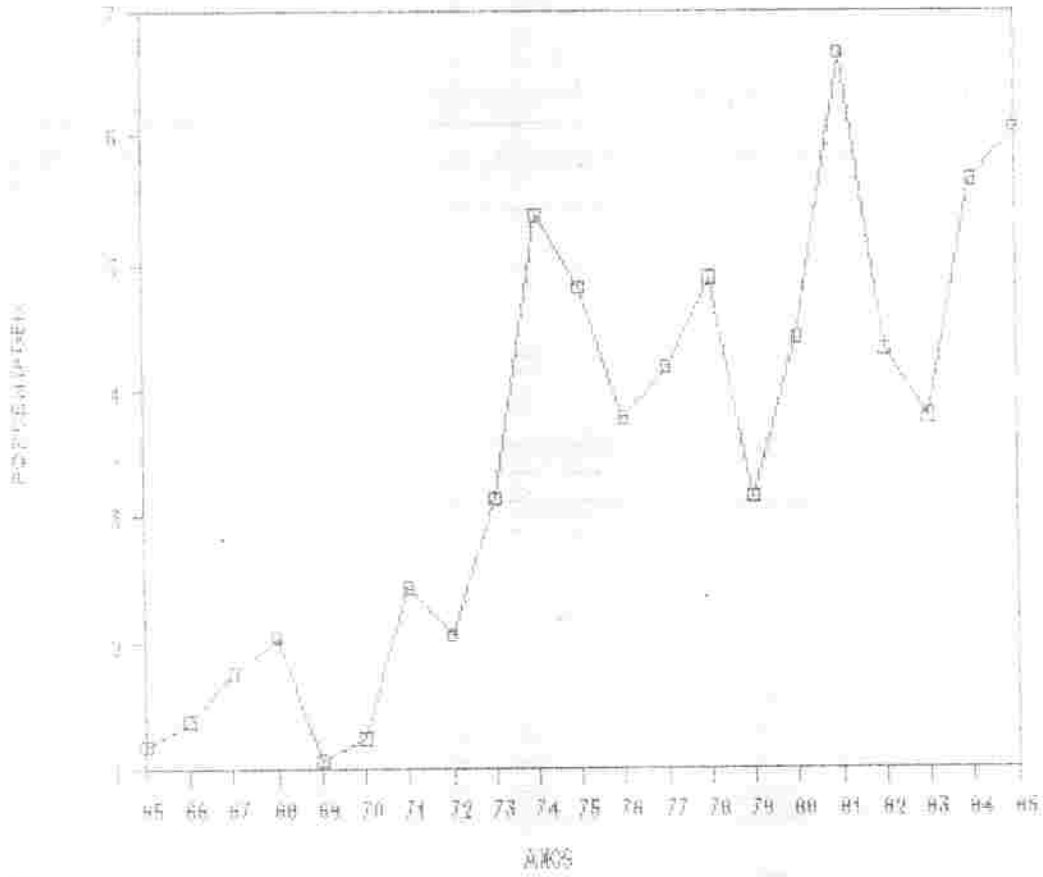


PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES



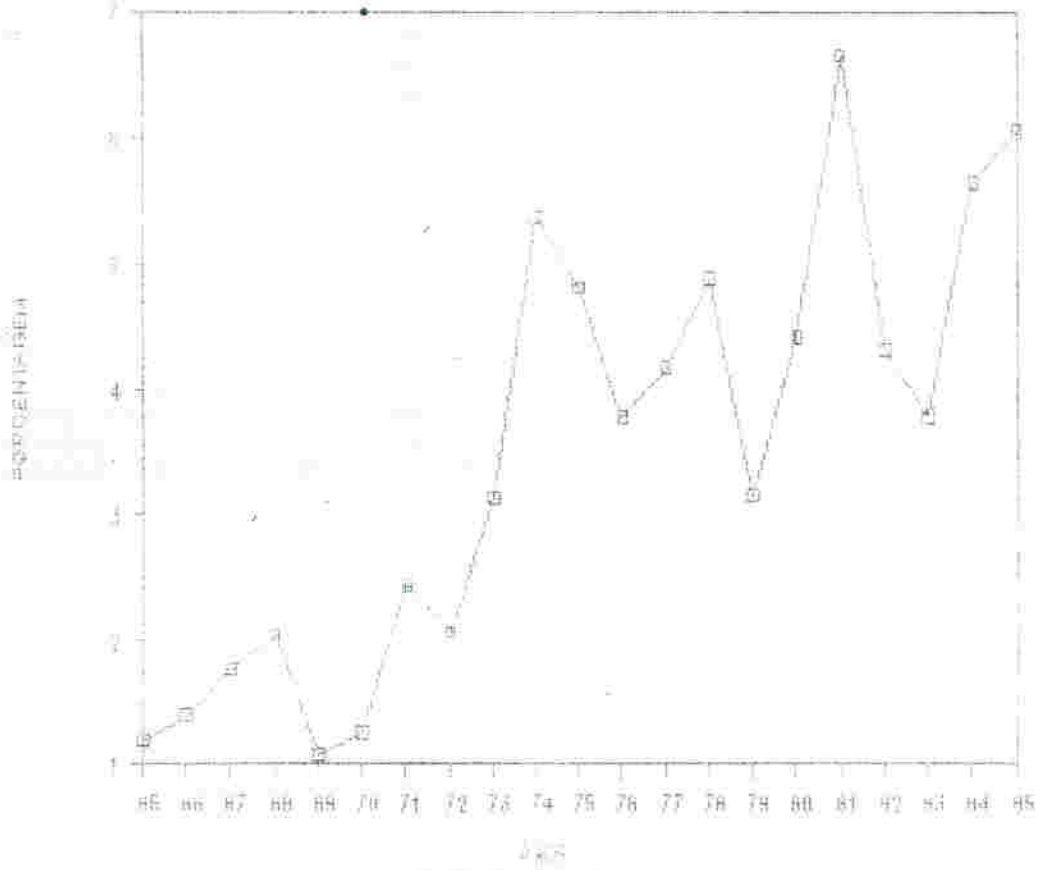
PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

AFRICA



PARTICIPACAO NO TOTAL DAS EXPORTACOES

ASIA



Os EUA/Canadá vêm aumentando seguidamente sua participação na pauta de exportações, atingindo 31% em 1985. Este comportamento se deve, principalmente, ao aumento nas exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados. Graças a isso, a participação dos EUA/Canadá na pauta de exportações destes produtos cresceu para 40,5% e 28,2%, respectivamente, em 1985. Já a participação deste bloco econômico nas exportações de produtos básicos tem se mantido relativamente constante, em torno de 16%.

Quanto à CEE, esta tem reduzido sensivelmente sua participação na pauta de exportações. Em princípios dos anos setenta, esta participação chegou a atingir 46%, enquanto que em 1985, não passava dos 30%. Esta queda reflete a redução da importância da CEE como mercado para as exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados. A participação da CEE na pauta de exportação de manufaturados que era de 24% em 1979, declinou para 17% em 1985. Quanto aos semimanufaturados, esta queda foi de, respectivamente, 29% para 26%.

Note-se que este movimento de perda de participação relativa nos anos oitenta tem sido contrarrestado pelo comportamento das exportações de produtos básicos. Nesta categoria de produtos a CEE tem aumentado sua participação, chegando ao ponto de, em 1985, absorver mais da metade das exportações de básicos.

Assim, cabe destacar que para as exportações brasileiras, a CEE e os EUA/Canadá assumem posição de destaque não apenas no que diz respeito ao total das exportações, mas também quanto às exportações de todas as categorias de produtos.

A ALADI também vem perdendo importância como mercado para as exportações brasileiras. Após ter crescido na segunda metade dos anos setenta, a participação da ALADI no total das exportações brasileiras vem declinando ao longo dos anos oitenta. Entre 1981 e 1985, esta participação caiu à metade, reduzindo-se de 19,7% para 9,6%.

Esta queda está associada principalmente à perda de participação da ALADI na pauta de exportações de produtos manu-

faturados. Esta participação que era de 36,5% em 1980 caiu seguidamente até atingir 14,6% em 1985.

Quanto à sua participação na pauta de exportações de básicos, esta vem se mantendo embora a níveis historicamente bastante baixos. Ao contrário, no que diz respeito a pauta de exportação de semimanufaturados, a participação da ALADI tem apresentado um comportamento bastante irregular. Contudo, apesar da irregularidade, cabe destacar que esta tem se mantido, a partir da segunda metade dos anos setenta, em um patamar bem inferior ao vigente nos primeiros anos desta década.

Assim, a ALADI destaca-se atualmente, apesar da perda nos últimos anos, como um mercado importante no que toca a exportação de produtos manufaturados.

Ao contrário dos blocos econômicos analisados acima, o Japão vem mantendo praticamente estável sua participação na pauta de exportações brasileiras. Após um ligeiro crescimento no final dos anos sessenta, esta participação vem se mantendo em torno de 6% até 1985.

Esta participação se explica principalmente pelas exportações de básicos e semimanufaturados. Em especial, a participação do Japão como mercado para estes produtos tem aumentado nos últimos anos. Entre 1980/85, o Japão foi responsável por, em média, 10% das exportações brasileiras destes produtos.

Quanto às exportações de manufaturados, o maior item da pauta de exportações nos dias de hoje, o Japão vem mantendo uma participação irrisória, entre 2% a 3%.

A manutenção desta participação, relativamente estável na pauta de exportações, vem fazendo o Japão perder importância como mercado para os produtos brasileiros. Em 1985 o Japão é superado pelo Oriente Médio, África e Ásia que já possuem uma participação maior que a japonesa na pauta de exportações brasileira.

Esses três blocos econômicos, responderam, em 1985, por pouco mais de 6% do total das exportações brasileiras.

TABELA 7

PARTICIPACAO NO TOTAL DE EXPORTACOES DE SEMIFABRICADOS-2									
Anos	Dr. Ned.	Eur. Or.	Africa	Asia	Aladl	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	0.54	3.39	1.61	0.11	10.83	30.12	48.34	2.57	
1966	0.60	3.21	0.61	0.25	0.62	34.44	48.41	1.47	
1967	0.50	3.78	0.72	0.21	0.27	26.31	47.30	12.02	
1968	0.60	3.08	1.17	0.43	5.74	35.28	46.65	2.30	
1969	0.66	3.41	1.43	0.71	7.45	30.51	52.77	3.65	
1970	1.40	2.03	2.45	0.49	12.45	22.66	56.01	2.32	
1971	0.35	7.00	1.42	0.20	34.55	15.29	39.11	2.04	
1972	1.92	2.83	6.30	12.56	14.35	18.92	40.81	2.23	
1973	0.95	4.53	2.19	1.04	16.89	23.53	45.78	5.16	
1974	0.89	5.63	2.23	1.05	16.31	29.55	41.68	3.46	
1975	17.73	4.09	16.11	3.51	16.12	14.07	26.53	1.85	
1976	10.87	6.98	5.48	5.71	11.61	20.21	36.09	2.45	
1977	16.11	5.73	8.72	15.21	12.18	26.48	27.87	3.63	
1978	6.57	7.47	1.40	17.24	7.92	27.07	25.85	4.40	
1979	4.43	10.32	1.65	16.31	18.08	22.19	29.50	5.71	
1980	10.19	9.77	1.72	16.65	8.13	20.16	26.62	6.76	
1981	11.42	11.15	2.27	16.02	8.15	17.97	25.60	7.34	
1982	11.12	5.59	2.99	9.42	9.26	18.65	30.76	12.21	
1983	4.64	4.08	3.24	11.41	7.16	25.01	24.86	18.00	
1984	5.97	7.25	1.42	19.16	10.18	25.55	20.07	10.41	
1985	3.63	8.42	2.23	17.48	5.30	28.15	26.36	6.45	

TABELA 8

PARTICIPACAO NO TOTAL DE EXPORTACOES DE BASICOS-2									
Anos	Dr. Ned.	Eur. Or.	Africa	Asia	Aladl	EUA-Canada	CEE	Japao	
1965	0.97	8.32	1.30	1.32	9.34	41.67	36.96	0.18	
1966	1.71	8.29	1.53	2.11	8.72	37.67	37.14	2.83	
1967	1.17	8.39	2.04	0.76	6.40	36.50	41.26	3.45	
1968	1.33	8.29	2.10	1.73	7.67	30.91	38.62	3.34	
1969	1.20	8.08	1.08	2.41	7.61	29.84	44.63	5.14	
1970	0.21	7.36	1.55	3.03	7.53	17.33	54.89	7.09	
1971	1.50	6.66	2.60	2.50	5.50	26.45	44.95	7.00	
1972	1.32	9.03	1.59	4.45	4.09	24.97	48.30	6.25	
1973	4.20	5.30	3.44	3.81	3.74	15.75	51.27	8.46	
1974	6.39	7.63	6.42	0.75	4.82	19.83	44.74	9.43	
1975	4.22	14.07	12.07	2.23	4.75	14.77	44.83	12.26	
1976	1.46	16.22	2.20	0.92	6.73	16.97	45.84	9.46	
1977	2.13	12.58	2.99	3.05	5.69	13.73	51.40	8.44	
1978	2.36	10.32	1.67	2.59	5.96	19.56	56.65	8.74	
1979	2.80	12.74	0.92	2.31	4.29	17.52	49.92	10.11	
1980	4.24	12.89	1.61	1.94	3.62	18.25	47.57	10.07	
1981	6.37	15.32	1.31	2.45	4.75	16.11	46.50	9.32	
1982	6.05	13.03	1.29	2.92	4.66	16.53	42.94	11.57	
1983	4.74	14.01	1.08	3.40	4.50	13.92	46.43	10.95	
1984	5.70	18.33	1.74	2.18	4.73	17.20	41.63	9.27	
1985	5.55	7.72	1.67	2.63	2.85	17.36	51.93	10.21	

No caso do Oriente Médio este crescimento tem sido contínuo. Sua participação na pauta de exportações nos anos oitenta é maior que o da década de setenta, que é por sua vez maior ainda que a observada no fim dos anos sessenta.

Este crescimento contínuo não pode ser atribuído a um tipo de produto específico. Na verdade, a participação do Oriente Médio nas pautas de exportações de básicos, manufaturados e semimanufaturados vem crescendo ao longo dos últimos vinte anos. Cabe ressaltar apenas a irregularidade do comportamento no que toca aos semimanufaturados. A participação do Oriente Médio nas exportações deste produto chegou a atingir 17,7% em 1975, caiu para 4% em 1979, recuperou-se para 11,1% em 1982, voltando a cair para 3,6% em 1985.

Quanto à África, o crescimento de sua importância como mercado para as exportações brasileiras ocorre basicamente como resultado da ampliação da sua participação no total das exportações de produtos manufaturados. Como mostra a Tabela 6, a África, que respondia por menos de 1% das exportações brasileiras de manufaturados em fins dos anos sessenta, passou a comprar cerca de 10% destas na década de oitenta.

No que diz respeito aos produtos básicos e semimanufaturados, a África tem mantido uma pequena participação no total, algo em torno de 2% a 3%, em média, ao longo do período 1965/85.

Por último, quanto à Ásia, sua participação no total das exportações brasileiras vem crescendo bastante desde 1977. O que mais contribuiu para isso foi o desempenho das exportações de produtos manufaturados e semimanufaturados. Em ambos os casos, a participação da Ásia era bastante pequena em fins dos anos sessenta. Já na década de oitenta, a Ásia foi responsável por, em média, 5% e 15% das exportações de manufaturados e semimanufaturados, respectivamente.

Quanto aos produtos básicos, a Ásia se manteve como um mercado irrelevante para as exportações brasileiras. Sua

participação na pauta de exportação destes produtos raras vezes ultrapassou os 3% ao longo do período de análise.

Por fim, resta a Europa Oriental que é atualmente o bloco econômico com menor participação no total das exportações brasileiras. A exceção dos anos de 1975/76 a Europa Oriental vinha mantendo uma participação relativamente constante, em torno de 7%, na pauta de exportações. Em 1984/85, contudo, esta participação caiu abaixo dos 5%.

A principal razão desta queda foi a redução ocorrida na participação da Europa Oriental nas exportações de básicos. Esta participação, que havia aumentado em muito em 1974/75, passando de 7,6% para 14,9%, vem caindo, voltando ao patamar dos 7% em 1985.

II.3 - A Balança Comercial Bilateral

Os dados da balança comercial bilateral brasileira, apresentados na Tabela 9, são claros em destacar a relevância de três blocos econômicos específicos: Oriente Médio, EUA/Canadá e a CEE.

Estes três blocos têm sido, em grande parte, os responsáveis pelo resultado agregado da balança comercial.

Em particular, os grandes superávits comerciais que o Brasil vem obtendo a partir de 1983 são, em sua maior parte, explicados pelo comportamento do comércio bilateral com estes três blocos.

TABELA 9

BALANÇO COMERCIAL BILATERAL - (US\$ MILHOES)								
Ano	Or. Med	Eur. Or	África	Asia	Am. L	EUA-Canadá	CEE	Total
1977	-5782,0	754,0	86,5	221,5	88,4	-914,9	1205,4	-2942,7
1980	-7104,7	1111,6	521,3	237,2	559,1	-1888,8	2055,5	-480,0
1981	-6765,5	1448,1	-253,3	275,2	846,4	-216,2	2750,1	-1045,5
1982	-5805,5	576,5	-87,6	272,0	-645,2	958,7	3102,7	329,4
1983	-4297,0	853,2	357,6	344,3	-294,6	2147,6	4213,5	614,8
1984	-2838,1	727,4	178,0	812,6	558,0	4946,8	4891,4	760,5
1985	-1413,2	769,8	-157,7	1031,2	683,9	4582,9	4956,5	647,8

O déficit com o Oriente Médio vem sendo reduzido seguidamente durante os anos oitenta. Dos 7,1 bilhões de dólares em 1980, este déficit foi reduzido para apenas 1,4 bilhão em 1985.

Isto se deveu basicamente ao aumento da produção doméstica de petróleo e sua substituição por outras fontes de energia, o que vem permitindo uma substancial redução nas importações de petróleo.

Quanto aos EUA/Canadá, o Brasil passou de um déficit de 1,9 bilhões de dólares em 1980, para um superávit de 4,3 bilhões em 1985. Esta mudança de posição está associada não apenas à redução de importações, mas também a um forte crescimento das exportações brasileiras para este bloco. Os Estados Unidos, em particular, têm sido o principal responsável por este aumento nas exportações.

Como resultado da política econômica desenvolvida nos últimos anos, os Estados Unidos vêm acumulando um crescente déficit comercial. Em 1985 este déficit atingiu a soma de 122,2 bilhões de dólares.

É sob efeito desta política que têm aumentado as exportações brasileiras para os Estados Unidos. Estas elevaram-se em 97% entre 1980/85.

Ao contrário do que ocorre com os EUA/Canadá, em relação à CEE, a ampliação do superávit comercial brasileiro tem ocorrido principalmente em função da contenção das importações. Entre 1980/85 as exportações brasileiras para a CEE cresceram apenas 12%, enquanto que as importações se reduziram em 53%.

Quanto aos demais blocos econômicos, sua balança comercial bilateral com o Brasil tem sido pouco expressiva. Cabe apenas destacar o forte crescimento do superávit comercial ocorrido em relação a Ásia.

Em 1985, este bloco econômico foi responsável pelo terceiro maior superávit do balanço comercial bilateral, ficando atrás apenas dos EUA/Canadá e da CEE. Entre 1980/85 este superávit

cresceu 335%, atingindo 1,0 bilhão de dólares em 1985.

O aumento do superávit em relação à Ásia é fruto de uma extraordinária expansão nas exportações que cresceram 138% entre 1980/85.

Em resumo, supondo-se a continuidade da redução do déficit em relação ao Oriente Médio, o superávit da balança comercial brasileira para os próximos anos vai depender fundamentalmente do comportamento do balanço comercial bilateral com os EUA/Canadá e CEE.

III) PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS ANOS:

Qualquer tentativa de realização de cenários sobre o comércio exterior brasileiro hoje exige que se leve em conta a possibilidade ou não da coordenação da política macroeconômica entre os Estados Unidos, CEE e Japão.

A partir da necessidade de ajuste por que passa a economia norte-americana, que implicará na redução de seu déficit comercial, coloca-se a questão da importância de políticas compensatórias por parte da CEE e Japão. A manutenção dos atuais níveis de comércio internacional dependem, na realidade, da capacidade que tenham CEE e Japão em substituir os Estados Unidos no papel de estimulador do crescimento econômico.

Neste seção são apresentadas estimativas para o comércio exterior brasileiro que, a partir de um cenário básico (Cenário I)^{1/}, levam em conta duas possibilidades distintas. Em primeiro lugar, testa-se um cenário em que CEE e Japão agem de forma a compensar a desaceleração do crescimento norte-americano (cenário

^{1/} O cenário básico foi montado a partir das previsões para a economia industrial gerados pelo modelo LINK.

II). Alternativamente, testa-se a hipótese de que a CEE e o Japão não substituam os Estados Unidos de forma a tentar manter em crescimento a economia internacional (Cenário III).

Note-se que nos três casos assume-se que o Brasil, de sua parte, vai realizar uma política cambial agressiva dada nos sa necessidade de manter o superávit comercial.^{2/}

A partir das equações de regressão mostradas a seguir^{3/} que representam, na verdade, uma primeira aproximação, chegou-se às projeções para o balanço comercial brasileiro desagregado por bloco econômico.

Como se pode notar, o ajuste obtido é bastante satisfatório^{4/}. Apenas para algumas equações o valor da estatística D.W. é inconclusivo, não permitindo que se afaste nem que se aceite a hipótese de auto-correlação salarial. Exceto isto, os coeficientes estimados têm todos os sinais esperados, o desvio-padrão das regressões é bastante baixo, não chegando em nenhum caso a 10% do valor médio das variáveis dependentes.

Mais importante, contudo, que o bom ajuste econômico é o valor obtido para as elasticidades, renda e preço das importações e exportações brasileiras.

Note-se, por exemplo, que as exportações brasileiras são bastante elásticas ao crescimento norte-americano (2,54). Neste sentido, a possibilidade de uma recessão na economia americana teria fortes impactos sobre as exportações brasileiras. Em especial porque os EUA/Canadá são responsáveis por um terço do total de nossas exportações.

^{2/} Os três cenários utilizados são expostos em detalhe no Anexo 2.

^{3/} Implícitamente assumiu-se a hipótese de "país pequeno" ao se estimar apenas equações de oferta de exportação e demanda de importações.

^{4/} Para a descrição das variáveis utilizadas ver o Anexo 1.

EQUAÇÕES DE EXPORTAÇÃO

Equação	1	2	3	4	5	6	7	8
Variável Dependente	$QX1_t$	$QX2_t$	$QX3_t$	$QX4_t$	$QX5_t$	$QX6_t$	$QX7_t$	$QX8_t$
Método	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO
Constante	-12,38 (-12,1)	-4,14 (-5,0)	0,06 (0,1)	3,83 (2,4)	1,05 (2,0)	1,17 (2,0)	-0,25 (-0,3)	
TxA_t	1,44 (5,8)	0,76 (2,7)						
TxB_t			0,56 (1,6)					
TxC_t				0,83 (1,7)				
$Y1_t$	1,58 (23,1)							
$Y2_t$		2,54 (13,5)						
$Y5_t$					0,76 (1,9)			
$Y6_t$						1,08 (3,6)		
$Y7_t$							1,20 (2,4)	
$QX3_{t-1}$			0,77 (7,6)					
$QX4_{t-1}$				0,73 (8,0)				
$QX5_{t-1}$					0,51 (2,3)			
$QX6_{t-1}$						0,30 (1,7)		
$QX7_{t-1}$							0,48 (2,5)	
$QX8_{t-1}$								
R^2	0,97	0,96	0,93	0,96	0,93	0,91	0,91	
D.W.	1,56	2,04						
H-Durbin			0,47	-0,30	1,36	0,41	1,49	
SER	0,11	0,10	0,13	0,17	0,36	0,18	0,34	

NOTAS: *Todas as equações foram estimadas na forma log-linear;

*Os valores entre parentêses são as estatísticas T.

EQUAÇÕES DE IMPORTAÇÃO

Equação	9	10	11	12	13	14	15	16
Variável Dependente	$QM1_t$	$QM2_t$	$QM3_t$	$QM4_t$	$QM5_t$	$QM6_t$	$QM7_t$	$QM8_t$
Método	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO	MQO
Constante	7,20 (4,2)	14,68 (7,5)	1,97 (4,7)	13,77 (5,1)	9,30 (3,5)	6,09 (13,8)	-2,23 (1,8)	-5,52 ()
TxA_t	-1,59 (-3,2)	-2,26 (-3,9)		-3,36 (-4,2)	-2,63 (-3,3)			
PIB_t	0,85 (3,5)	1,13 (8,3)		2,07 (11,1)	1,35 (2,0)	0,46 (4,4)	2,62 (9,2)	3,00 (15,3)
RD_t		0,16 (2,5)		0,37 (2,2)			0,34 (2,1)	
CAP_t			0,02 (5,4)					
$QM1_{t-1}$	0,54 (3,2)							
$QM3_{t-1}$			0,64 (11,7)					
$QM5_{t-1}$					0,63 (3,5)			
$DM3_t$			0,28 (3,6)					
$DM4_t$				0,37 (4,0)				
$DM6_t$						0,57 (2,7)		
$DM8_t$								1,93 (7,1)
R^2	0,93	0,85	0,97	0,92	0,97	0,74	0,83	0,93
D.W.		1,50		1,64		1,59	1,83	1,84
H. Durbin	-1,22		0,60		1,45			
SER	0,17	0,21	0,11	0,29	0,25	0,20	0,56	0,37

NOTAS: *Todas as equações foram estimadas na forma log-linear;

*Os valores entre parênteses são as estatísticas T.

Contudo, uma eventual redução nas exportações para os EUA/Canadá poderia ser compensada por um aumento nas exportações para outros blocos. A CEE aparece então como um bloco chave na medida em que é também responsável por um terço das exportações brasileiras. Uma vez que a CEE aplique uma política macroeconômica expansiva, o Brasil talvez pudesse manter seu volume total de exportações.

Infelizmente, a elasticidade-renda das exportações para a CEE não se mostrou significativamente diferente de zero. Este fato se deve ao protecionismo que vem caracterizando a CEE. Na verdade, isto ocorre não apenas com a CEE mas também em relação ao Japão.

Assim, mesmo que a retração da economia americana fosse compensada por políticos expansionistas do Japão e CEE, do ponto de vista das exportações brasileiras, estas políticas compensatórias seriam de pouco efeito. Apenas haveriam efeitos indiretos, via outros blocos econômicos.

Como pode ser visto pelo Quadro 1, mesmo em um cenário otimista em que a CEE e o Japão agem de forma a contrabalançar o ajuste da economia norte-americana, as exportações para estes dois blocos crescem a taxas decrescentes. Note-se que estas taxas são positivas, pois estamos supondo uma política cambial ativa que desvalorize o cruzado, em termos reais, a 3% ao ano (ver Anexo 2).

A capacidade brasileira em manter ou expandir suas exportações fica neste quadro dependente de dois fatores. Em primeiro lugar, de uma política cambial ativa. Em segundo lugar, do impacto indireto que as políticas expansionistas da CEE e Japão tenham sobre os demais blocos econômicos.

Na verdade, mesmo os ganhos que o Brasil possa ter com este impacto indireto são pequenos. A Ásia, nosso terceiro maior mercado em 1985, não apresenta uma elasticidade-renda das exportações para o Oriente Médio, nosso quarto maior comprador em 1985, é de apenas 0,76.

A melhor alternativa no que diz respeito as exportações parece ser uma política cambial agressiva mesmo levando em conta a baixa elasticidade preço das exportações para a maioria dos blocos .

A possibilidade de manutenção do saldo comercial , caso efetivamente a economia norte-americana entra em recessão, dependerá principalmente da possibilidade de contenção das importações.

Contudo, como pode ser visto pelas equações, a elasticidade renda das importações brasileiras é um geral bastante alta. A possibilidade de um crescimento acelerado da economia brasileira implicaria em um crescimento das importações a taxas cada vez maiores.

O cenário II mostra com clareza este fato. Lembre-se em especial que, embutido neste cenário, há uma política cambial que produz desvalorizações reais do cruzado.

O resultado só não é mais preocupante devido a alta elasticidade preço das importações brasileiras em relação a maioria dos blocos. No caso dos EUA/Canadá e Oriente Médio estas elasticidades atingem 2,26 e 2,63, respectivamente. Assim, é possível conter o volume de importações através de uma política cambial agressiva.

Em resumo, devido a alta elasticidade renda das exportações para os EUA/Canadá e ao fato desta ser zero no que concerne a CEE e ao Japão, e à também elevada elasticidade renda das importações provenientes dos EUA/Canadá e Oriente Médio , a política cambial assume um papel central quanto ao saldo comercial para os próximos anos. Em particular no que diz respeito às importações, a política cambial aparece como um potente instrumento.

QUADRO I

PREVISÕES PARA O CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, 1967/1990

CENÁRIO I - (Otimista)

ANOS	ALACI	EURO/ CANADA	CEE	JAPAO	OR. MEDIO	EUR. ORIENTAL	AFRICA	ASIA
1967	14,0	6,0	3,6	10,0	-2,1	3,9	-0,3	25,0
1980	13,2	6,0	3,5	8,2	0,3	3,8	-0,9	25,0
1985	7,8	5,0	2,7	7,9	2,2	3,6	0,5	20,0
1990	7,5	5,0	2,5	7,6	3,3	3,8	4,9	18,0

CENÁRIO II - (Otimista)

ANOS	ALACI	EURO/ CANADA	CEE	JAPAO	OR. MEDIO	EUR. ORIENTAL	AFRICA	ASIA
1967	24,0	6,5	3,6	10,0	-2,1	3,9	-0,3	25,0
1980	14,1	3,6	3,5	8,2	0,3	3,9	-0,6	25,0
1985	11,6	-1,8	2,7	7,9	0,1	4,4	1,1	20,0
1990	11,3	-4,0	2,5	7,6	3,3	4,4	6,1	18,0

CENÁRIO III - (pessimista)

ANOS	ALACI	EURO/ CANADA	CEE	JAPAO	OR. MEDIO	EUR. ORIENTAL	AFRICA	ASIA
1967	24,0	6,5	3,6	10,0	-2,1	3,9	-0,3	25,0
1980	13,0	3,3	3,5	8,2	0,3	2,8	-1,0	25,0
1985	6,3	-1,8	2,7	7,9	0,8	2,9	1,2	20,0
1990	3,8	-4,0	2,5	7,6	1,5	3,9	2,8	18,0

QUADRO II

PREVISÕES PARA O CRESCIMENTO DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS, 1987/1990

CENÁRIO I - (base)

ANOS	ALAGOAS	EUROPA/CANADA	CEE	JAPÃO	ORIENTAL	EUR. ORIENTAL	ÁFRICA	ÁSIA
1987	18,0	-0,4	+0,4	-9,0	2,0	1,8	6,0	9,0
1988	3,1	-0,3	-0,3	-4,0	-1,0	1,4	10,0	7,1
1989	-1,0	0,0	0,0	3,0	1,0	0,7	10,0	5,0
1990	-1,7	0,7	7,0	4,0	-3,0	2,1	18,1	10,7

CENÁRIO II - (ot. w/stop)

ANOS	ALAGOAS	EUROPA/CANADA	CEE	JAPÃO	ORIENTAL	EUR. ORIENTAL	ÁFRICA	ÁSIA
1987	18,0	-0,4	+0,4	-9,0	2,0	1,8	6,0	9,0
1988	2,0	4,0	-0,3	0,0	0,0	0,7	04,0	10,4
1989	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	10,0	10,0
1990	2,0	0,0	7,0	10,0	0,0	0,4	29,4	10,0

CENÁRIO III - (passivista)

ANOS	ALAGOAS	EUROPA/CANADA	CEE	JAPÃO	ORIENTAL	EUR. ORIENTAL	ÁFRICA	ÁSIA
1987	18,0	-0,4	+0,4	-9,0	2,0	1,8	6,0	9,0
1988	0,3	-1,0	-0,3	-5,0	-0,0	1,1	11,0	5,0
1989	-4,0	0,0	0,0	-0,0	-0,0	0,0	0,0	4,0
1990	-4,7	0,0	7,0	-0,0	-0,0	0,0	0,0	4,0

ANEXO 1

Lista das variáveis utilizadas nas equações:

- QM1, QM2, QM3, QM4, QM5, QM6, QM7, QM8 = valor real das importações feitas, respectivamente, aos seguintes blocos: ALADI (1), EUA/Canadá (2), CEE (3), Japão (4), Oriente Médio (5), Europa Oriental (6), África (7), Ásia (8);
- QX1, QX2, QX3, QX4, QX5, QX6, QX7, QX8 = valor real das exportações feitas, respectivamente, para os seguintes blocos: ALADI (1), EUA/Canadá (2), CEE (3), Japão (4), Oriente Médio (5), Europa Oriental (6), África (7), Ásia (8);
- $TxA = EA \cdot \frac{IPA-DJ}{IPAUS}$

EA = taxa de câmbio nominal Cz\$/US\$,

IPA-DI = Índice de Preços por Atacado - Disponibilidade Interna,

IPAUS = Índice de Preços por Atacado dos Estados Unidos (wholesale price);

- $TxB = EB \cdot \frac{IPA-DI}{IPAJP}$

EB = taxa de câmbio nominal Cz\$/Yen,

IPA-DI = Índice de Preços por Atacado - Disponibilidade Interna,

IPAJP = Índice de Preços por Atacado do Japão (wholesale price);

$$- \text{TxC} = \frac{\sum_{i=1}^n (P_i \text{EC}_i) \sum_{i=1}^n \frac{P_i \text{IPA}_i}{\text{IPA-DI}}}{\sum_{i=1}^n (P_i \text{EC}_i)}$$

EC_i = taxa de câmbio nominal Cz\$/moeda do país i (pertencente a CEE),

IPA_i = Índice de Preços por Atacado do país i (pertencente a CEE),

IPA-DI = Índice de Preços por Atacado - Disponibilidade Interna,

P_i = participação do país i no volume total do comércio da CEE com o Brasil (importações + exportações);

- PIB = Índice do Produto Interno Bruto;
- RD = relação entre as reservas internacionais e a dívida externa líquida;
- CAP = capacidade produtiva utilizada; construída como a razão entre o produto real e o produto potencial, tomando 1961 e 1974 como "picos" e usando uma taxa de 7,5%;
- Y_2 = Índice do Produto Interno Bruto dos Estados Unidos;
- Y_1, Y_5, Y_6, Y_7 = valor total em termos reais das importações, respectivamente, dos seguintes blocos econômicos: ALADI (1), Oriente Médio (5), Europa Oriental (6), África (7).
- DM3 = 1 em 1965
0 nos outros anos
- DM4 = 1 em 1972
0 nos outros anos

- DM6 = 1 em 1970
0 nos outros anos

- DM8 = 1 em 1968
-1 em 1978
0 nos outros anos

ANEXO 2

Importação

cenário I - otimista

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	6,0	6,5
T/C	-	-	-	-
Y1	-	-	-	-
Y2	-	-	-	-
Y3	-	-	-	-
Y4	-	-	-	-
Y5	-	-	-	-
Y6	-	-	-	-
Y7	-	-	-	-

cenário II - conservador

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	7,0	7,5
T/C	-	-	-	-
Y1	-	-	-	-
Y2	-	-	-	-
Y3	-	-	-	-
Y4	-	-	-	-
Y5	-	-	-	-
Y6	-	-	-	-
Y7	-	-	-	-

cenário III - pessimista

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	5,0	5,0
T/C	-	-	-	-
Y1	-	-	-	-
Y2	-	-	-	-
Y3	-	-	-	-
Y4	-	-	-	-
Y5	-	-	-	-
Y6	-	-	-	-
Y7	-	-	-	-

Exportação

cenário I - otimista

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	6,0	6,5
T/C	-	-	-	-
Y1	4,0	5,0	6,0	6,5
Y2	3,0	4,0	5,0	5,5
Y3	3,0	4,0	5,0	5,5
Y4	4,0	5,0	6,0	6,5
Y5	3,0	4,0	5,0	5,5
Y6	4,0	5,0	6,0	6,5
Y7	3,0	4,0	5,0	5,5

cenário II - conservador

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	7,0	7,5
T/C	-	-	-	-
Y1	4,0	5,0	7,0	7,5
Y2	3,0	4,0	5,0	5,5
Y3	3,0	4,0	5,0	5,5
Y4	4,0	5,0	7,0	7,5
Y5	3,0	4,0	5,0	5,5
Y6	4,0	5,0	7,0	7,5
Y7	3,0	4,0	5,0	5,5

cenário III - pessimista

VAR. ANOS	1987	1988	1989	1990
T/A	3,0	3,0	3,0	3,0
T/B	4,0	5,0	5,0	5,0
T/C	-	-	-	-
Y1	4,0	5,0	5,0	5,0
Y2	3,0	4,0	4,0	4,0
Y3	3,0	4,0	4,0	4,0
Y4	4,0	5,0	5,0	5,0
Y5	3,0	4,0	4,0	4,0
Y6	4,0	5,0	5,0	5,0
Y7	3,0	4,0	4,0	4,0

BIBLIOGRAFIA

- PINDYCK, R.S. and RUBINFELD, D.L., Econometric Models and Economic Forecasts, Singapura, McGraw-Hill Book Co, 1981.
- DIB, M. de F.S.P., Importações Brasileiras: Políticas de Controle e Determinantes da Demanda, Rio de Janeiro, BNDES, 1985.
- ABREU, M. de P., "Equações de Demanda de Importações Revisitadas: Brasil, 1960-1985", Rio de Janeiro. Textos para Discussão nº 148, PUC-RJ, 1987.
- BRAGA, H.C. e MARKWALD, R.A., "Funções de Oferta e Demanda das Exportações de Manufaturados no Brasil: Estimação de Um Modelo Simultâneo", Pesquisa e Planejamento Econômico, 13 (3), dez. 1983.
- RIOS, S.M.C.P., Um Modelo de Desequilíbrio para as Exportações Brasileiras de Produtos Manufaturados, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, 1986.
- CARVALHO, F.A., et alii, Cenários Alternativos para o Setor Externo: Brasil, 1987-1990, Rio de Janeiro, Relatório de Pesquisa, FUNCEX, 1987.
- ABREU, M. de P., HORTA, M. H. T.T., "Demanda de Importações no Brasil, 1960-1980: Estimacões Agregadas e Desagregadas por Categorias de Uso e Projeções para 1982", Rio de Janeiro, Textos para Discussão nº 48, INPES/IPEA, 1982.